

O despertar da consciência contemplativa, utilizando o método apofático na psicanálise iniciática

The awakening of contemplative consciousness through the use of the apophatic method in initiatory psychoanalysis

El despertar de la conciencia contemplativa mediante el método apofático en el psicoanálisis iniciático

DOI: 10.54901/educa.v9-617

Dr. Luciano da Fonseca Lins¹
Ma. Katia Goretti Veloso Lins²
Mestr. Edite Emanuela Rodrigues Lins³
Mestr. Juliane Taíse das Neves Silva⁴
Mestr. João Guilherme Lima Regino⁵
Mestr. Marília Ferreira de Oliveira Ciriaco⁶
Mestr. Marciana Rodrigues da Silva⁷
Mestr. Rogéria Suely Moura Vieira⁸

RESUMO: O método apofático foi utilizado pela teologia negativa por Dionísio Areopagita, Mestre Eckhart, algumas escolas do Budismo e de um certo modo na psicanálise lacaniana como retirada de atributos da identidade e identificação do existente para possibilitar o despertar contemplativo e na transformação radical da mente humana. Chamamos essa operação de Psicanálise Iniciática. O objetivo geral da presente pesquisa foi de acompanhar, através de meu relato de experiência, se foi possível considerar como ação terapêutica, o método apofático, que consistiu no silêncio do analista e pontuações como retirada de atributos da identidade e identificação do sujeito analisando. Na interpretação do relato de experiência pelo autor, foi possível verificar, que o analisante por várias ocasiões ficava desorientado no silêncio do analista, e principalmente na retirada contínua dos atributos do sujeito analisado. Significa que a abordagem apofática na psicanálise iniciática, poderá algumas vezes levar tanto o analista, quanto ao analisante à momentos contemplativos do despertar da consciência.

¹ Doutor em Ciências da Educação, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil.
E-mail: luciano.fonseca@upe.br

² Mestra em Educação, Hospital Regional Dom Moura (HRDM), Garanhuns, Pernambuco, Brasil.
E-mail: katiafenix13@gmail.com

³ Mestranda em Práticas e Inovação em Saúde Mental, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: edite.emanuelarl@upe.br

⁴ Mestranda em Práticas e Inovação em Saúde Mental, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: jullytaise@hotmail.com

⁵ Mestrando em Práticas e Inovação em Saúde Mental, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: jguilherme.lregino@upe.br

⁶ Mestranda em Práticas e Inovação em Saúde Mental, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: mariliafo.ciriaco@upe.br

⁷ Mestranda em Práticas e Inovação em Saúde Mental, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: marciana.rodrigues@upe.br

⁸ Mestranda em Práticas e Inovação em Saúde Mental, Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco, Brasil. E-mail: rs_mvieira@hotmail.com

Palavras-chave: método apofático; despertar contemplativo da consciência; psicanálise iniciática; silêncio contemplativo; relato de experiência.

1 INTRODUÇÃO

O termo Despertar da consciência tem sido utilizado correntemente na Psicanálise Iniciática e nas tradições esotéricas, no sentido de ampliar a percepção condicionada pelo campo mental e social para um estado de autoconsciência, que coloca o sujeito na posição de perceber a si próprio, podendo haver radical mudança na experiência do sujeito como um todo. Em se tratando de contemplação, tal vocábulo indica que não há esforço no sentido do despertar. Portanto, contemplar é estar presente e consciente na experiência sem demandar qualquer esforço para tal realização.

Por outro lado, a Psicanálise Iniciática, cuja autoria remete ao Professor Doutor da Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns, docente do curso de psicologia, ministrando a disciplina “Psicologia Analítica, Psicologia e Espiritualidade “, no qual trata dos princípios norteadores da Psicanálise Iniciática, na qual revisita os trabalhos de Sigmund Freud, Jacques Lacan e o filósofo indiano Jiddu Krishnamurti. A contribuição da Psicanálise Iniciática foi de abrir os espaços para uma psicanálise contemplativa, limitando a sequência de ordem linear das palavras, silenciando de certo modo, a aceleração cognitiva do pensamento ordinário, que se manifesta no contexto da frequência cerebral beta. Podemos assim, colocar no contemplativo da análise o método apofático como finalidade a dissolução da identidade do sujeito, no sentido de transparecer a apofaticidade humana, no qual transcende o eu e não o eu construído pelo campo social e familiar.

2 OBJETIVOS GERAL

Utilizar o método apofático como meio de dissolução parcial da identidade perceptiva do sujeito analisante, buscando a presença consciente da Consciência total no âmbito dos limites configurados pela percepção humana.

3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Através do método apofático, possibilitar na relação analista /analisante o despertar da consciência, pelo menos no nível 1. (percepções do sujeito, do estado do comportamento condicionado, no qual se encontra).
2. Observar, através do acompanhamento da análise iniciática, o processo de despertar do autor analista.

4 DA PSICANÁLISE INTEGRAL AO MOMENTO ATUAL

Em 2006, o autor deste trabalho, publica como resultante do seu pós doutorado, a obra “A religiosidade como caminho na busca da consciência integral “. Embora a semente para o desenvolvimento teórico da Psicanálise Iniciática, venha dessa sua formação no Centro de Estudos freudianos, sociedade psicanalítica, ancorada nos trabalhos do psicanalista Jacques Lacan, foi no pós doutorado que a Psicanálise Iniciática começou a se materializar. Escreve em sua obra, o autor deste trabalho.

“A ciência nos tempos contemporâneos, avançou nas últimas décadas como nunca. Fez do homem um pequeno deus e o colocou na posição de dominador da natureza. No entanto com o mesmo absolutismo da religião na idade média, fracassou em colocar tudo processo criativo em prol da evolução humana em toda sua plenitude” (LINS:8. 2006).

A preocupação com a plenitude humana, dar margem para o despertar e a posição mística como expansão da consciência.

Noutra passagem da mesma obra diz o mesmo autor:

“Conhece-te a ti mesmo e conheceres os deuses e o universo, que são palavras atribuídas a Sócrates, o mesmo grego. Na minha concepção esta máxima é o fundamento para o caminho da plenitude humana. Não importa a área do conhecimento que estamos envolvidos, o importante é a realização do ser humano e todo seu potencial “(LINS :11. 2006).]

A Ideia estava se formando, porém o princípio do despertar já estava caminhando para o rumo da Psicanálise Iniciática. Na concepção da Psicanálise Integral, a arte pode combinar a intuição com sensibilidade, a filosofia pode combinar o intelecto com a intuição e assim por diante. No entanto nada mais distante de nossa concepção de método do que aquela visão composta por um conjunto de receitas eficazes para chegar a um resultado previsto. Essa ideia

de método pressupõe o resultado desde o início. Ora, estamos dizendo de uma ciência, baseada em meros condicionamentos, que pretende proclamar a verdade. Precisamos ir além do previsível.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada no presente trabalho foi meu relato de experiência, que tem ancoragem nos trabalhos de Christine Josso e a Narrativa autobiográfica de Luciano Lins em sua tese de doutorado intitulada: “O Mito do Significado no Contexto da Religiosidade numa Narrativa Autobiográfica: Reflexões para uma Pedagogia da Individuação”, em 2002. A referida Narrativa Autobiográfica relata a experiência do autor, percorrendo seu universo religioso, desde a sua adesão a religião cristã, espírita, umbanda, candomblé e judaísmo e também seus estudos no Zen Budismo até sua retirada do sistema religioso para as indagações no nível experiencial da existência. Tais passagens religiosas foram clarificando a busca pelo despertar da consciência, passando do plano teórico para o existencial.

Atualmente, o autor é professor adjunto da Universidade de Pernambuco, onde leciona no curso de Psicologia nas disciplinas de Psicologia Analítica, Psicologia e Espiritualidade. Integra também o corpo docente do Mestrado Profissional, no mesmo campus, Práticas e Inovação em Saúde Mental, atuando na linha de pesquisa em prevenção em saúde mental, ministrando os componentes curriculares de Epistemologia e Sofrimento Psíquico. (no contexto da espiritualidade e saúde mental).

É líder do grupo de pesquisa Ciência da Consciência e Espiritualidade vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPQ, coordenando pesquisadores, docentes e estudantes, dedicados a investigação científica das relações entre consciência, espiritualidade e saúde.

Além da sua atuação acadêmica, é fundador da Sociedade de Psicanálise Iniciática, cuja sede está estabelecida em Garanhuns-PE. A perspectiva principal da psicanálise iniciática é dentro da terapêutica do despertar da consciência, utilizando, principalmente o método apofático, inspirado na Teologia Apofática de autores como Pseudo-Dionísio de Areopagita, Mestre Eckert, Orígenes e Clemente de Alexandria. Na filosofia, principalmente as reflexões de neoplatônicas de Plotino, integrando espiritualidade e psicologia em uma proposta de desenvolvimento humano e ampliação da consciência.

6 PSICANÁLISE INICIÁTICA

A psicanálise iniciática foi fundada pelo autor no ano de 2024. Entretanto, tal processo de construção começou depois do seu doutoramento na Universidade do Porto - Portugal, quando defendeu o seu trabalho de tese intitulado: “O Mito do Significado no Contexto da Religiosidade numa Narrativa Autobiográfica: Reflexões para uma Pedagogia da Individuação” (2002). Em 2004, trabalhou no seu primeiro pós doutorado na Universidade do Porto sob a perspectiva do que definiu como Psicanálise Integral, colocando então as “sementes” “do que viria a evoluir para Psicanálise Iniciática.

A Psicanálise Iniciática, tem seu ponto de partida na abordagem freudiana, no que diz respeito ao recalcado e ao retorno do recalcado, no qual retoma como sintomas neuróticos, trazendo sofrimentos ao sujeito.

No que diz respeito a psicanálise lacaniana, o foco recai sobre o sujeito do inconsciente, no contexto dos registros do Imaginário, Simbólico e Real. Sendo o Imaginário definido como o campo ilusório do fantasma, no qual é atravessado pela linguagem e que na análise, desemboca pelo simbólico, através da palavra plena, na qual consiste no sujeito do discurso, capaz de transformar o fantasma, que é da ordem da neurose, numa trama tecida pelo consciente simbólico, no qual poderá minimizar o sofrimento do sujeito humano.

A Psicanálise Iniciática aponta para o Real, tal qual a abordagem lacaniana, como algo que não pode ser representado pelo simbólico e cai na rede do impossível, do Inefável.

Numa perspectiva da introdução da apofaticidade, o contexto se amplia para o “nada absoluto”, porque está para além do entendimento cognitivo humano. Assim, o sujeito humano pode ser atravessado pelo Real de forma negativa (apofática), na retirada dos atributos que o identificam, possibilitando visão intuitiva do vazio, do Inefável.

Tratar sobre o método apofático é considerar que esse termo foi cunhado pelo Pseudo-Dioniso Areopagita, para tratar sobre a Teologia Apofática, na qual consiste numa abordagem negativa de Deus. Ou seja, enquanto a palavra “catafático”, se diz das afirmações de atributos referentes a identidade de Deus, a expressão apofático diz-se da retirada dos atributos ou afirmações de todos os atributos divinos. Ou seja, é possível chegar a Deus pela negação de tudo que se afirmou sobre o mesmo, sendo assim tratar-se de um Deus oculto, inefável, fora dos parâmetros ordinários da mente e percepção humana.

A Nuvem do não-saber foi uma obra escrita provavelmente no século XIV por um anônimo de origem cartuxo e que trata da negatividade enquanto caminho para se colocar o

sujeito entre a nuvem do desconhecido e a nuvem do saber, que é da esfera do Deus além de Deus.

O método apofático foi introduzido por Luciano Lins, fundador da Psicanálise Iniciática, por volta de 2024, com a finalidade de dismantelar o que a psicologia denomina de ego ou eu, a partir da contemplação da palavra simbólica dissolvendo algumas formas do pensamento, despertando a consciência no silêncio da relação analista/ analisante.

O despertar no primeiro nível, as percepções do sujeito são do estado do comportamento condicionado, no qual o mesmo se encontra. Sua maneira de perceber a realidade é moldada pelos padrões adquiridos e pelos comportamentos repetitivos que estruturam sua existência.

No segundo nível, corresponde a transpercepção, isto é, à capacidade de ultrapassar o modelo de repetição do pensamento. Isso implica no reconhecimento de que o sujeito ordinário da situação de enclausuramento que o mesmo vive no âmbito social e cultural. Contudo apesar de reconhecimento ainda não ocorre uma transformação efetiva. Todavia nada muda neste primeiro e segundo níveis do despertar.

O terceiro nível do despertar da consciência, possibilita uma transformação radical da mente, invocando ações necessárias para a saída do cativeiro mental para ampliar tomadas de decisão do sujeito em relação as imposições da cultura social, conquistando maior liberdade de decidir por si mesmo, o despertar deixa de ser apenas compreensão e torna-se experiência transformadora.

O quarto nível do despertar da consciência, descrito na obra “A nuvem do não-saber” (Anônimo. Século XIV), concebe e introduz o título de “singular” ao indivíduo, que numa tradição cristã essa experiência é compreendida como “graça”, porque se trata não do desejo humano, mas da concessão de Deus. Trata-se da dissolução da nuvem do conhecimento para a nuvem do não-saber, no qual o sujeito é escolhido por Deus para gozar da possibilidade do “Reino Celestial”, estando inserido nos modos da experiência Mística. A experiência mística do quarto nível, deixa de ser objeto de reflexão e torna-se uma realidade vívida, dissolvendo completamente o observador e o encontro com Deus, pode esse ser realizado.

A proposta da Psicanálise Iniciática no que diz respeito ao método apofático é trabalhar os níveis I e II. Ou seja, através da relação analista/ analisante, possibilitar, no contexto do registro simbólico, o despertar para a prisão exterior exercendo poder sobre a mente e, também, possibilitar a expansão e ampliação de tomadas de decisão, no sentido de se mover para fora da prisão da mente e se construindo o próprio caminho.

Neste propósito, o relato de experiência do analisante é menos levar em conta do que a desmetaforização dos significados e significantes, no sentido de dismantelar a narrativa

sequencial e linear, dirimida sob o signo do condicionamento mental manifestada no contexto social, focando na presença consciente do sujeito. Com a finalidade de clarificar entre o condicionamento e o fato, assim escreve Krishnamurti:

“O conflito surge quando há dualidade. “sou violento”, mas não deveria ser violento. Ou, tenho o ideal da não- violência. A ideia de não praticar a não-violência, que este país ama. Mas, o fato é que sou violento. Isto é o fato, o outro não é o fato. A não-violência é uma ideia, um conceito, não uma realidade, porque sou violento”. (Krishnamurti, Jiddu, 2019, p.43)

Aqui, o autor trata do modo condicionado, próprio do imaginário fantasmático, estruturado pelo processo de identificação e identidade (ideia da não violência) e o fato, do registo simbólico, da presença consciente no campo dos fatos não condicionados.

O método apofático proposto neste trabalho, tem como finalidade o desmoramento do fantasma pela palavra não linear trazida na análise e o silêncio do analista, que possibilita a contemplação (insights, intuições) do analisante. Para o despertar do sujeito, não se necessita da intervenção na narrativa do sujeito da análise, além de pontuação remetendo aos significantes, que geralmente são considerados “aleatórios”. O analista está posto na nuvem do desconhecimento, do não saber, no sentido que a cognição aparentemente determina, na concepção da linearidade das palavras colocadas na forma ordinária.

7 DA ILUSÃO AO DESPERTAR - NATUREZA DA ILUSÃO

Normalmente, no contexto das traduções esotéricas (Teosofia, Rosa Cruz, Gnoscismo Cristão) e nas tradições orientais (Zen Budismo, Taoismo, Hinduísmo, Budismo Tibetano, Vedanta e tantas outras escolas do esoterismo oriental), colocam no centro de suas discussões, eu ou a identidade como sendo de caráter ilusório, contrastando com a consciência, que é a presença consciente sem início nem fim.

Na obra *Ciência da Consciência e Espiritualidade*, os autores discorrem sobre a natureza da ilusão:

“O ego é a consciência restrita pelo senso percepção e cultura. Sua formação pode ser observada por duas vertentes: uma relacionada a sobrevivência, que tem raízes nos componentes genéticos e biomagnéticos e por outro lado, a cultura e sociedade, na qual delinea o comportamento automático na mesma premissa do automatismo genético e biomagnético” (Lins, Kátia; Lins, Luciano, .2019, p.19).

8 O DESPERTAR

C. Maxwell Cade - Pesquisador de psicobiologia, na Universidade de Londres e pai do biofeedback na Inglaterra - definiu o conceito de “mente desperta”, no início da década de 1970, a partir dos estudos e mensuração da atividade cerebral de swamis e monges em estados profundos de meditação”. (Mascaro, Leonardo, 2008, p.8)

Nas tradições religiosas como Cristianismo Gnóstico (Evangelho de Felipe e outros manuscritos de Nad Hamadhi, 1945, Zen Budismo, Budismo tibetano, Vedanta, Sufismo, Teologia Negativa e outras correntes de pensamento, encontram-se diferentes denominações para designar aquilo que se compreende sobre o despertar e mesmo iluminação. A palavra Buda que significa “o desperto”, corresponde no cristianismo a expressão é “O Reino de Deus” e, na Teologia Apofática “A nuvem do não saber”, Todas essas tradições dispõem de um vocabulário para designar e expandir a palavra “Despertar”.

De um modo geral o termo “Despertar”, refere-se à presença presente e consciente do sujeito, descontaminado do imaginário fantasmático, cujo fato e não a sua interpretação dele é o foco imediato da interpretação. Considero esse, o primeiro nível do despertar, caracterizado por uma alegria profunda por desqualificar os fantasmas mentais e a transcendência da percepção ordinária para percepções extraordinárias, além do mundo sensorial.

Nesse sentido a expressão de C. Alexandre Simpkins, parece traduzir com precisão essa experiência contemplativa: “Na luz do momento estamos perdidos em eterno agora, enquanto o vazio acena misteriosamente”, tal formulação aproxima-se daquilo que venho compreendendo como presença presente, um estado no qual o sujeito suspende a compulsão interpretativa e se abre ao mistério do agora.

Diversas passagens sobre os fundadores do Zen, foram transformados em pequenas histórias que ajudam a transmitir o espírito original da tradição Zen. Ao acompanhar como episódios como aquele que Bodhidharma impressionou o imperador Wu ou quando mestres como Li-chi e Dogen são atravessados por experiências inesperadas de compreensão, é possível entrever algo da mente desses grandes professores e da maneira como o despertar pode surgir não pela explicação racional, mas pelo impacto direto da experiência (Simpkins, 2010, p.9).

Compreendo portando que o despertar pode significar “receber impactos não linear “acordando” o jeito para que se é sua originalidade e presença, também podem ser instigados por “Koans”, histórias enigmáticas, no sentido de impactar e tirar o aprendiz do seu sono profundo que é a ignorância. Koan é mais um modo de meditação, que poderá levar o sujeito a sair das amarras das inércias dos condicionamentos sociais.

Embora, as tradições ocultas e orientais, reconheçam que o despertar não acontece pelos dogmas, doutrinas e rituais, mantêm formas ritualística, com o sentido de retirar a mente da distração que se encontram. Tal é a finalidade da existência, desobstruir a mente para sua verdadeira situação existencial.

9 O MÉTODO APOFÁTICO NA PSICOTERAPIA

A psicoterapia compreende as terapias de um modo geral, sendo a Psicanálise Iniciática uma vertente possível desse amplo caminho. A psicanálise, no que diz respeito à clínica, possui suas próprias sociedades, escolas e modos de transmissão. O autor deste trabalho teve sua formação em uma sociedade lacaniana desde 1983, experiência que marcou profundamente sua escuta clínica e sua compreensão da relação analista/analisante.

Geralmente, no setting terapêutico, o analista não respondia diretamente às demandas do analisante. Esperava-se o estabelecimento da neurose de transferência, isto é, a repetição da neurose na relação analista/analisante, com a finalidade de possibilitar ao analisante o abandono progressivo da narrativa narcísica. Tal processo poderia favorecer uma vida mais autônoma, uma espécie de despertar relativo, ainda que limitado, pois o trabalho mais profundo com o suposto “eu” precisaria ser realizado em outra dimensão da experiência clínica

No entanto, em minha compreensão, as palavras também podem ser utilizadas, de certo modo, como Koans, especialmente quando refletem a ordem do “significante” (sons da metonímia), produzindo deslocamentos na sequência linear do discurso. Tal desconstrução momentânea, aparentemente simples ou mesmo, da narrativa podiam levar o analisante para fora das narrativas narcísicas. Dentro do trabalho terapêutico do autor, muitas vezes os impactos de tais pontuações eram impressionantes, justamente porque não operavam apenas no plano explicativo, mas como intervenções capazes de suspender, ainda que brevemente, a lógica comum do pensamento.

No livro *Psicoterapia e Taoísmo*, Nei Ricardo de Souza (Souza, 2007) aproxima a prática psicoterapêutica de certos caminhos do pensamento oriental, especialmente do Taoísmo, permitindo pensar a clínica para além de uma perspectiva estritamente racionalista. A construção dos registros do Imaginário, do Simbólico e do Real, em Jacques Lacan, pode ser lida, em minha perspectiva, como uma formulação que dialoga com esses conhecimentos, ainda que não se reduza a eles. A partir dessa aproximação, considero possível estabelecer ressonâncias entre a abordagem lacaniana e algumas tradições orientais (Zen Budismo e o Taoísmo) tal construção são muito óbvias, especialmente quando Lacan trata do Real como

aquilo que não pode ser plenamente simbolizado, permanecendo sempre como no nível do impossível, do vazio, da linguagem no que concerne aquilo que escapa a representação (inefável).

Na Psicanálise Iniciática, a neurose de transferência e a forma de pontuar as narrativas dos analisantes são próximas aos koans. Tratam-se de enigmas pronunciados e ofertado ao analisante, de acordo com a formação da personalidade do mesmo. Esse koans funcionam com dismanteladores da identidade, pondo a mente em estado de contemplação, que está para além da percepção ordinária, quase sempre contaminada pelos pensamentos e emoções condicionados pelo modo social.

Na outra ponta encontra-se o método apofático, que busca através da eliminação dos atributos positivos (afirmação), gerar do mesmo modo, impactos sobre a identidade do sujeito, no sentido de contemplar inicialmente o vazio existencial (conhecido na clínica como “depressão e melancolia). O terapeuta não procurar sugerir ao analisante tomada de medicação (apenas quando extremamente necessária), no entanto é de sua responsabilidade de pronto para o atendimento dentro do contexto da situação.

Faz-se extremamente necessário, a experiência da análise do analista, também conhecida como análise didática, que de didática não tem absolutamente nada. O dismantelamento narcísico do analista é de fundamental importância para a análise não tome rumos indesejados e desastrosos. As escolas esotéricas e ocultistas sabem muito bem do que estamos tratando.

A Psicanálise Iniciática não está para curar doenças supostamente mentais ou o sofrimento factual da humanidade. O despertar da consciência é um estado de pura atenção sobre a presença humana, denominada de Presença presente consciente. Não é possível curar a percepção humana, no entanto é possível ampliá-la para o “Reino interior” da consciência que é um estado de contemplação e calma, uma certa calma.

Tanto a psicanálise quanto a psicologia estão contaminadas pelas crenças e dogmas do condicionamento materialista oficial admitido pela ciência contemporânea. Não se trata de afirmar esta ou aquela verdade, mas transcender sua dualidade. Trata-se de se posicionar em função de ideologias e crenças oriundas do imaginário, a rede fantasmática.

A Psicanálise Iniciática, busca através do silêncio, dos koans, das palavras impactos, dissolver a ilusão do “eu” e do “não eu”. Vamos para lugar nenhum, ao mesmo tempo que estamos em todo lugar como existência e como vida total. Claro que aqui ainda aparece uma meta, uma perspectiva, outra narrativa. Todavia, qual é a posição da humana, após a transpercepção?

A transpercepção pode ser compreendida como um acordar dentro do vazio cósmico, vazio que não pode ser reduzido aos atributos da rede fantasmática, nem aos traumas engendrados pela experiência ou, mais precisamente, pelas interpretações que fazemos das experiências. Nesse sentido, aquilo que chamamos de fato revela também sua impermanência, pois o fato, quando atravessado pela interpretação, deixa de ser apenas presença e passa a ser capturado pelas formas condicionadas do pensamento.

10 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NA PSICANÁLISE INICIÁTICA

A Narrativa Autobiográfica é um método que foi utilizado na minha tese de doutorado em 2002. Não se trata apenas de narrar os fantasmas, mas trazer, arte, como poesias, sonhos, as experiências religiosas como por exemplo, na Umbanda, no Candomblé e outros caminhos espirituais. A questão não estava propriamente na narrativa ou sua interpretação, as ações contemplativas, que fluíam no discorrer da escrita e nas imagens que as acompanhavam.

A busca por algum observador ou identidade não era relevante naquele momento o mais relevante, embora fizesse parte do processo de individuação em termos da psicologia analítica. De forma impressionante, nos escritos delineados, canções, sonhos e lendas estavam presentes na escultura simbólica, que apontava não para fatos para outro tipo de frequência, nas quais abriam espaço para a presença presente em contemplação, proporcionadas na interação analista/analisante.

A psicanálise iniciática, não pretende negar as descobertas da psicanálise clássica. muito pelo contrário, as neuroses são um fato. As perversões estão espalhadas como normalidade na cultura social, e as neuroses estão como epidemias. No entanto, faz-se necessário focar em outras frequências, que estão além do sensopercepção ordinária, indo de encontro a transpercepção ou “Reino de Deus”, ou Nirvana, Satori, o qualquer nome que esteja ocupando o espaço científico da vez. As pesquisas e terapêuticas parecem apontar para o campo que não esteja fadado ao fracasso humano nem a infelicidade fatalista. Não fosse pelas pesquisas sobre as neuroses, não seria o sofrimento humano, o despertar e a iluminação não seriam possíveis brotar o sujeito para frequências e níveis superiores da alma humana.

11 CONSIDERAÇÕES

A Psicanálise Iniciática propõe-se, em termos mais medianos, a minimizar o problema do sofrimento humano. No entanto, pela via do despertar da consciência, compreendido como

dissolução da ignorância e expansão dos níveis mentais, torna-se possível acessar outras frequências, situadas para além da percepção ordinária, abrindo os portais do observador no campo da transpercepção.

Os trabalhos ocorreram tanto em forma de oficinas quanto no espaço terapêutico. Por meio da minha narrativa autobiográfica, utilizei o método apofático, que consiste na retirada dos atributos positivos (catafáticos) focando a contemplação da presença presente consciente. Nesse processo, foi possível observar que o método pode variar de acordo com cada sujeito, no sentido de estabelecer novos horizontes, conforme sua história, sua sensibilidade, seu sentimento e sua vontade de atravessar os condicionamentos que sustentam o sintoma neurótico,

O mundo contemporâneo continua mergulhado em uma crise narcisista e totalitarista, que destrói as relações interativas entre o sujeito e a comunidade. Guerras, miséria, crueldade e violência permanecem como padrões condicionados desde sempre, enquanto os discursos de paz parecem não alcançar a transformação profunda da existência humana.

A frequência do humano ordinário está completamente condicionada e impregnada pelo social e pela configuração da forma, na qual estamos mergulhados em consequência do modo operacional da mesma frequência. Nesse contexto monges e místicos fizeram e continuam fazendo a diferença, não por meio de promessas ou ideologias, mas pela experiência viva de uma consciência menos aprisionada aos condicionamentos do mundo.

Pretende-se, assim, que a terapêutica, especialmente, a psicanálise iniciática, possa contribuir para que a educação, a família, os dogmas da ciência e religiosos podem ser radicalmente transformados para que a humanidade possa estar em consonância com o fluxo natural da vida. Tal transformação não se daria apenas no plano das ideias, mas na possibilidade de uma humanidade mais próxima da presença presente e em maior consonância com o fluxo natural da vida.

Palavras e promessas não bastam para transformar a existência. Esperanças, discursos, ideologias políticas muitas vezes atuam como fantasmas zombeteiros, no sentido apenas de nos pregar peças, trocando os fatos pela ilusão. Assim, o sujeito permanece aprisionado em narrativas que prometem transformação, mas que, em muitos casos, apenas reforçam os mesmos condicionamentos que sustentam seu sofrimento.

A psicoterapia meditativa poderá ser um grande passo para se melhorar a qualidade de vida da humanidade. Ciência e espiritualidade estão mais próximas, quem sabe o caminho do meio que pretendeu Buda.

A psicoterapia meditativa poderá representar um grande passo para a melhoria da qualidade de vida da humanidade, especialmente quando compreendida como caminho de presença, escuta e desobstrução da mente. Ciência e espiritualidade parecem estar mais próximas do que se supunha, talvez apontando para aquilo que Buda compreendeu como o caminho do meio: uma via que busca superar os extremos e conduzir o sujeito a uma experiência mais equilibrada da existência (Rahula, 2005) e que não nega a experiência humana, mas também não se deixa aprisionar por seus extremos, ilusões e condicionamentos.

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO DO SÉCULO XIV. **A nuvem do não-saber**. Tradução de D. Lino Correia Marques de Miranda Moreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHADAM, José. **Misticismo e apofaticidade em A nuvem do não-saber de um escritor anônimo do século XIV**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2017

FREUD, Sigmund. **O inconsciente**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 99-150.

FREUD, Sigmund. **A repressão**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 82-98.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 13-50.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: história de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14, p. 161-239.

FREUD, Sigmund. **Recordar, repetir e elaborar**. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 193-209

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2020.

KRISHNAMURTI, J. **A primeira e última liberdade**. Tradução de Vera Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2015.

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Mente imensurável**. Brasília: Teosófica, 2019.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

LINS, Luciano da Fonseca. **O mito do significado no contexto da religiosidade**. Recife: Livro rápido, 2007.

LINS, Luciano da Fonseca. **O mito do significado no contexto da religiosidade numa narrativa autobiográfica: reflexões para uma pedagogia da individuação**. 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2002.

LINS, Luciano da Fonseca. **Psicanálise integral**. Recife: Livro rápido, 2007.

LINS, Luciano da Fonseca; LINS, Katia Goretti. **Ciência da consciência e espiritualidade**. Curitiba, 2019.

LIPTON, Bruce. **A biologia da crença**. São Paulo: Butterfly, 2007.

MASCARO, Leonardo. **A arquitetura do eu: psicoterapia, meditação e treinos para o cérebro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MOACANIN, Radmila. **A psicologia de Jung e o budismo tibetano**. Tradução de Cláudio Giordano. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEPO, Mark. **O livro do despertar**. Tradução de Irati Antônio. São Paulo: Gente, 2006.

PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. **Teología mística**. In: **PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA**. Obras completas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1990.

RAHULA, Walpola. **O ensinamento de Buda**. Lisboa: Estampa, 2005.

SIMPKINS, C. Alexander; SIMPKINS, Annellen. **The Dao of neuroscience: combining Eastern and Western principles for optimal therapeutic**. New York: W. W. Norton & Company, 2010.

SOUZA, Nei Ricardo de. **Psicoterapia e taoísmo**. São Paulo: Summus, 2007.